

Sangue Dourado

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i3.39286>

 **Felipe Durán Thedim**

Licenciado em Letras habilitado em língua Portuguesa e Inglesa pela Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil. Professor, Escritor, Redator e Tradutor. E-mail: lipduran@gmail.com

Nesse lugar novo e tão longínquo
o sangue vale ouro que verte dourado.
É valioso como qualquer bem,
vale 80, 50, o pouco que ajuda
tudo o que se tem.

Isso dentro do bolso.
O coração vaga vazio de preocupações
e escrever está longe em ser esforço.
Quando não há prédios para te prender
e o céu é tão azul que os fios meros riscos,
a pintura de um verde ante as breves
perturbações do progresso pode ser vista a esperança
de um novo florescer.

Não são necessárias janelas para observar de
dentro, o que está fora atrai mais os olhos.
É a mistura do rotineiro, do boiadeiro,
do “sangue nos zoio”.
Um gaúcho farroupilha,
ou de um japonês e sua disciplina.
Há os índios e sua maior população,
ainda que pequena hoje em dia.
Tereré,
Paraguai,
a vida recomeça e sem destino a chuva cai.



Tanto molha que vira pântano.
O sangue é dourado do boiadeiro que veio de Minas uai!
Ou de indígenas, índios, Índias?
Nativos considerados estrangeiros,
separados por valores
para poucos ganharem dinheiro.

O sangue ainda é dourado
e por isso ainda verte
é valor para poucos e o
Divino que conserte.

Os largados valem ouro,
os relaxados traçam o contorno, adorno.
Enquanto os pobres inquisidores
ditam o novo.

Sangue dourado cidade pecado,
cidade luz,
onde reina o pântano e o gado.

*Recebido em 06-10-2022
Modificado em 21-02-2023
Aceito para publicação em 15-03-2023*